

## A presença do imaginário medieval no Brasil colonial: descrições dos viajantes

José Carlos Gimenez

Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.

**RESUMO.** Este estudo analisa a herança do imaginário medieval presente nos registros literários dos primeiros viajantes europeus que visitaram o Brasil nos primeiros séculos da época colonial. A composição das descrições desses viajantes revela, a partir da literatura de viagem, da pintura e da cartografia, imagens que são típicas da cosmologia de séculos anteriores. Em seus escritos, bem como nas representações iconográficas de que se valeram para patentear uma descrição do território recém-descoberto, a fauna, a flora e seus habitantes são, potencialmente, sérios candidatos a figurarem na categoria do universo fantástico, tão presente na literatura e na iconografia produzida pelos homens da Idade Média. Essa idéia pode ser encontrada em viajantes dos séculos XVI e XVII como Fernão Cardim, Jean de Léry, Pero de Magalhães Gândavo e Gabriel Soares de Sousa.

**Palavras-chave:** história do Brasil colonial, relatos de viagem, imaginário medieval.

**ABSTRACT.** **The presence of the medieval imaginary in Colonial Brazil: the travelers' descriptions.** The study analyzes the inheritance of the medieval imaginary present in the literary registrations first European travelers that visited Brazil in the first centuries of the colonial time. The composition of the those travelers' descriptions reveals, from their journey literature, paintings and cartography, images that are typical of the cosmology of previous centuries. In their writings, as well as in the ichnographic representations that they used to make a description of the recently discovered territory, the fauna, the flora and its inhabitants are, potentially, serious candidates to partake in the category of the fantastic universe, so present in the literature and in the ichnography produced by the men of the Middle Ages. The idea may be found in travelers of the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries such as Fernão Cardim, Jean de Léry, Pero de Magalhães Gândavo and Gabriel Soares de Sousa.

**Key words:** history of colonial Brazil, journey reports, medieval imaginary.

A finalidade desta reflexão é discutir a existência de um legado do imaginário medieval presente nas descrições literárias feitas pelos viajantes europeus que percorreram as mais diversas partes do território brasileiro no período colonial, sobretudo nos séculos XVI e XVII. A composição das imagens delineadas nas numerosas obras literárias, também chamadas de literatura de viagem, ou retratadas na iconografia por meio de gravuras, de mapas e de pinturas, entre outras, possibilita uma recuperação das figuras de linguagens, das metáforas e de toda uma terminologia característica de períodos anteriores aplicadas à descrição do território recém-descoberto<sup>1</sup>.

Uma das características fundamentais das narrativas das viagens do período medieval, e que também podem ser encontradas nos escritores e nos artistas que aqui estiveram, é o fato de retratarem as paisagens, os animais e os povos sem estabelecer uma fronteira intransponível entre o que consideramos hoje como real ou imaginário. Para eles, não havia distinção entre uma literatura com bases científicas e uma literatura de ficção; literatura esta, muitas vezes, herdeira da tradição greco-romana, porém retomada e cristianizada pelos escritores cristãos<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Gravuras e pinturas que remetem ao tema podem ser vistas na publicação de Belluzzo, Ana Maria de Moraes. A lógica das

imagens e os habitantes do Novo Mundo. In: Grupione, Luís Donizete Benzi (org.). **Índios do Brasil**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

<sup>2</sup> A respeito da presença da literatura greco-latina como um elemento que enriqueceu e inspirou escritores cartógrafos na

Os relatos, atualmente considerados como construções imaginativas do homem da Idade Média, tinham para eles significados e expressões que provocavam e manifestavam atitudes e comportamentos na sua vida cotidiana. O que conhecemos hoje como bruxas, feitiçeras, demônios e várias outras manifestações monstruosas personificadas de seres inumanos representavam e constituíam para a sociedade daquela época perigos corriqueiros. É, portanto, com imagens da ameaça, do medo e das punições cravadas no imaginário dos recém-chegados ao Novo Mundo que muitos desses viajantes construíram e determinaram as suas impressões sobre o Brasil.

Compreender os viajantes no domínio desse imaginário é resgatar o conjunto das representações que ultrapassam os limites das análises da história econômica e da história política do Brasil colonial. Uma das possibilidades para ampliar o conhecimento sobre a forma como os europeus representaram nosso país pode ser feito por meio de estudos que privilegiem uma investigação histórica na perspectiva do imaginário cultural. Trata-se, portanto, de uma análise histórica da produção literária e iconográfica legada pelos viajantes e que pode ser classificada como representações mentais e concepções históricas ligadas a uma tradição de séculos passados, como definiu Patlagean:

*O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam (...). Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto território atravessado por esse limite, ao contrário, sempre e por toda parte idêntico, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal: a curiosidade dos horizontes demasiados distantes do espaço e do tempo, terras desconhecidas, origens dos homens e das nações; a angústia inesperada pelas incógnitas inquietantes do futuro e do presente; a consciência do corpo vivido, a atenção dada aos movimentos involuntários da alma, aos sonhos, por exemplo; a interrogação da morte; os harmônicos do desejo e da repressão; a imposição social, geradora de encenações de evasão ou recusa, tanto pela narrativa utópica ouvida ou pela imagem, quanto pelo jogo, pelas artes da festa e do espetáculo (1990: 291).*

Nesse aspecto, as imagens construídas pelos primeiros viajantes que exploraram e relataram o território recém-descoberto não podem ser

entendidas apenas como uma mera construção literária descontextualizada, mas sim como condicionamentos históricos de uma longa tradição da ação humana. São, ao mesmo tempo, imagens como fração do desenvolvimento da humanidade e parte integrante do processo histórico e dialético das próprias relações humanas. Essas imagens são construídas como fenômeno social e como percepção da realidade a partir da imaginação criadora e podem também ser entendidas na perspectiva de Jacques Le Goff, isto é, como imagens que interessam ao historiador e que se apresentam como coletivas, influenciadas pelas vicissitudes da história, que se formam, modificam-se, transformam-se e exprimem-se em palavras e em temas. Tais imagens que nos são legadas pelas tradições passam de uma civilização a outra e circulam no mundo diacrônico das classes e das sociedades humanas<sup>3</sup>.

A dimensão do imaginário não é considerada aqui como ocorrência exclusiva do discurso artístico. Ainda segundo Jacques Le Goff, todos os documentos apresentam ao historiador sua cota de imaginário, na medida em que este dirige sua atenção para o teor simbólico neles contidos e não somente para o que reproduzem, onde a dimensão do imaginário seja orientada mais para o mundo interior do que exterior, com a obra artística constituindo um campo especialmente fecundo para esse tipo de pesquisa<sup>4</sup>.

O estudo da construção do imaginário medieval presente na literatura de viajantes e nas iconografias da época é parte significativa de um universo cultural e de uma concepção de mundo que se construiu a partir do material documental que a cultura européia nos legou. Desse modo, todas as imagens e os seus símbolos são fenômenos históricos, passíveis de serem analisados enquanto documentos que retratam os aspectos significativos de uma época e de uma sociedade. No caso presente, trata-se das tradições do pensamento da Idade Média que ultrapassaram o Atlântico e chegaram ao Novo Mundo por meio dos viajantes. Portanto, apesar de as imagens criadas pelos viajantes e registradas em seus relatos parecerem-lhes somente os reflexos e as agitações do seu tempo como ato da criação literária ou iconográfica, devem ser entendidas dentro de um quadro determinado, no qual se insere o peso de uma herança de longa duração<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Le Goff, Jacques. *O imaginário medieval*, p.16.

<sup>4</sup> *Idem*, p.14.

<sup>5</sup> Veja-se ainda Vovelle, Michel. *Imagens e Imaginário na História: Fantomas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*.

Idade Média, veja-se Le Goff, Jacques. O ocidente medieval e o oceano Índico: um horizonte onírico. In: **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente**, p. 263-280.

### Entre o real e o imaginário: expressões de uma longa duração

Joaquín Rubio Tovor, na obra *Libros españoles de viajes medievales*, esclarece com muita propriedade a cosmovisão dos viajantes dos séculos XIII, XIV e XV. Segundo esse autor, tais obras constituem uma fonte imprescindível para compreendermos os vários aspectos da cultura medieval, principalmente sobre a relação estabelecida entre os homens e o seu meio geográfico. Nesses espaços, os homens, ao descreverem as imagens do mundo físico conhecido e habitado, não deixavam de preencher em seus relatos o mundo periférico com seres imaginários. Nessa construção, quanto mais os homens se distanciavam do seu lugar de convívio, mais eles criavam um universo de conjunturas fantásticas e fabulosas. Ainda segundo esse autor, muitas dessas fantasias penetraram tão fundo na mente da sociedade que elas influenciaram de maneira profunda e concreta certos exploradores dos séculos XVI e XVII<sup>6</sup>.

Pierre Chaunu, em uma obra clássica sobre a temática da expansão europeia, discute um momento crucial do expansionismo da cristandade. Segundo esse autor, o homem europeu, que até meados do século XIII não conhecia mais do que 30% da superfície da terra e de 4% a 5% da superfície dos mares, em menos de dois séculos e meio, liderado principalmente por Espanha e por Portugal, provocaria uma grande mutação na história da humanidade ao conquistar, pouco a pouco, territórios que antes só existiam no imaginário<sup>7</sup>.

Jacques Le Goff, em um estudo sobre os limites geográficos do homem medieval, assevera que o domicílio de seguidas gerações, até meados do século XIII, muitas vezes não ultrapassava de forma concreta as fronteiras das aldeias e das cidades, porém, muitas vezes também, tais fronteiras foram conquistadas a partir dos sonhos e recuperadas em várias expressões culturais da época. Jacques Le Goff acredita que esses sonhos revelam a atitude e a mentalidade do homem perante o geográfico desconhecido, geográfico este que não era apenas um espaço físico, como o concebemos hoje, mas também uma possibilidade de compreender como a sociedade medieval expandia e sustentava sua visão de mundo. A partir desse sonho, às vezes perturbador, às vezes libertador, os homens destruíam velhos tabus e extravasavam os seus desejos reprimidos, fossem eles sexuais, alimentícios, renúncia ao trabalho e a toda

dificuldade concretamente vivida e vigiada pelos poderes religiosos da época<sup>8</sup>.

Significativo também é o estudo de Michel Mollat sobre a trajetória dos exploradores e dos navegadores que percorreram as mais diversas partes da Europa entre os séculos XII e XVI. Alicerçando-se nos principais testemunhos literários desses autores, cujos principais expoentes foram Jean de Plancarpin, Guilherme de Rubruch, Jean de Montecorvino, Ibn Batutah, Jacques Cartier e Mafe, Nicola e Marco Polo, entre outros, Michel Mollat destaca o espírito de aventura desses desbravadores anteriores aos grandes descobrimentos. O autor discorre principalmente sobre o impacto provocado por eles ao estabelecerem contatos com a realidade do *outro*. Nesse contato, realidade e mito se cruzavam de uma forma tão intensa que sobreviviam para além do período, fornecendo inclusive um rico manancial de fábulas para os descobridores do século XVI. Exemplo dessa herança é a discussão que o autor faz das maravilhas do mundo:

*Las maravillas componen un conjunto de fábulas prodigiosas, que corren por el mundo bajo diversas vestimentas, desde los viajes de Herodoto hasta las memorias de los exploradores del siglo XVIII e incluso del XIX, pasando por el Libro de las maravillas de la India, en el Islam del siglo IX, el Libro de las maravillas de Marco Polo, las Mirabilia descripta de Jourdain Cathala de Séverac y los Voyages de Jean de Mandeville en el siglo XIV. Los exploradores de los grandes descubrimientos las transmitieron sin comprender tal vez, y en todo caso sin expresarlo, el significado de reacción antisocial y de sueño de retorno a una edad ya caduca. Las búsquedas de un paraíso terrenal era una forma de expresión de esto (Mollat, 1984: 101).*

Outro excelente estudo sobre o imaginário medieval é o livro de Hilário Franco Júnior, *Cocanha: a história de um país imaginário*. A terra da Cocanha apareceu descrita em um manuscrito medieval do século XIII. Nela, foi descrito um país maravilhoso<sup>9</sup> que possibilita uma realização compensatória de todas as satisfações impossíveis na vida real. Para lá são alçados todos os sonhos de concretizações da abundância, da ociosidade, da juventude e da liberdade. A mais significativa análise, porém, feita por Franco Júnior, reside em sua afirmação de que essa tradição literária pode ser ainda encontrada no nordeste brasileiro em pleno século XX.

<sup>6</sup> Rubio Tovar, Joaquim. *Libros españoles de viajes medievales*.

<sup>7</sup> Chaunu, Pierre. *Expansão europeia do século XIII ao XV*.

<sup>8</sup> *Op. cit.*, 1980, p.276

<sup>9</sup> Para um estudo mais detalhado do conceito de maravilhoso no Ocidente Cristão, veja-se Le Goff, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*.

*Novo Mundo tornou-se um receptáculo de vários elementos do imaginário medieval, inclusive algumas maravilhas da Cocanha. Isto resultava da sensibilidade medieval, ainda presente no século XVI, segundo a qual se via aquilo que ouvira. Mais presos ao imaginário que traziam dentro de si do que às imagens que tinham diante dos olhos, os primeiros navegadores e colonizadores, de forma geral, não descobriam coisas novas, apenas identificavam no Novo Mundo coisas anteriormente conhecidas (1998: 218).*

Como se pode observar, existe uma série de trabalhos que atestam o prolongamento de um imaginário medieval para além do período que tradicionalmente se concebe como final da Idade Média e, neste caso específico, atestados nas narrativas dos viajantes que andaram pelo Brasil nos séculos XVI e XVII.

### **Imaginário medieval nos viajantes coloniais**

Em uma obra pioneira nos estudos da chamada História das Mentalidades, Laura de Mello e Sousa pesquisa, a partir de fontes primárias, localizadas principalmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, os principais cronistas da época cuja temática é voltada para os aspectos da religião cristã praticada em território brasileiro na época da colônia. O que é significativo nas análises da historiadora brasileira são as possibilidades de uma releitura das nossas fontes na perspectiva de resgarmos alguns aspectos que ela levanta em seu livro. Aspectos esses que ela aponta, porém não aprofunda, principalmente em se tratando de resgatar uma herança medieval nos viajantes coloniais. Podemos perceber essa questão em uma das passagens de seu livro:

*Apesar do específico - colonial-, o novo mundo deveria muito aos elementos do imaginário europeu, sob cujo signo se constituiu. Colombo vira a Índia na América, impregnado da leitura de obras como o Livro das maravilhas de Mandeville e Imago Mundi do Cardeal d'Ailly; homem preso ao universo medieval, via para escrever narrativas que, por sua vez, seriam ouvidas. Assim como, nele, o aventureiro intrépido de uma nova era - a das navegações e das descobertas (...) Colocado a serviço da descoberta do novo mundo, o olhar começa a crescer sobre os outro sentidos, captando e aprisionando o raro, o estranho, o singular que, anteriormente, também haviam cativado o homem medieval (1986: 22 e 23).*

Foi, portanto, com base nas imagens produzidas dos relatos concretos ou imaginários dos viajantes e dos exploradores medievais que os europeus conceberam e figuraram suas impressões sobre o Brasil no período colonial, e uma das imagens mais

perturbadoras que se fizeram presentes nesses viajantes diz respeito aos fabulários ligados aos monstros.<sup>10</sup> É o que pode ser observado na narrativa do protestante francês Jean de Léry em *Viagem à terra do Brasil*, publicada na França, em 1578, dezoito anos após sua permanência no Brasil. Além de registrar suas impressões sobre os índios, sobre as plantas e sobre os mais diversos animais existentes no território brasileiro, esse teólogo não deixou de transcrever a existência de monstros que atemorizavam os habitantes:

*Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras, procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça fora d'água e a cabeça, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido (p.164).*

Claude Kappler, em *Monstros, demônios e encantamentos no final da Idade Média*, discute de que maneira as viagens - reais ou imaginárias - orientam-nos para o domínio da cosmografia e da geografia do mundo medieval. Segundo ele, essas estruturas do universo têm “correspondência” surpreendentes com as estruturas mentais, contudo, as estruturas mentais são freqüentemente tributárias das primeiras. São elas que determinam os locais em que o imaginário desabrocha. Esses trabalhos comparativos fornecem-nos informações sobre o estado de espírito dos viajantes, o clima intelectual das viagens e o clima mítico da época. Ainda segundo o autor, é interessante definir as relações da viagem com o conto e o mito, pois os monstros presentes nas narrativas de viagens fazem parte integrante da criação e da subversão da ordem existente (Kappler: 1993).

Foi com esse clima e espírito dos viajantes da Idade Média que Pero de Magalhães Gândavo, português natural de Braga, residiu no Brasil, provavelmente entre 1558-1572, época do governo de Mem de Sá. Ao retornar para Portugal, escreveu suas impressões sobre a colônia no livro *Tratado da Terra do Brasil e História da Província Santa Cruz*, impresso pela primeira vez em 1576<sup>11</sup>. Ao relatar,

<sup>10</sup> Sobre monstros humanos e seres prodígios na literatura medieval, veja-se Acosta, Vladimir: *La humanidad prodigia: el imaginario antropológico medieval*. Tomo I.

<sup>11</sup> Essa obra foi traduzida para o francês por Ternaux-Campans, em 1837, e reimpressa duas vezes na “Revista do Instituto Histórico”. O Tratado só apareceu em 1826, no quarto volume da “Coleção de notícias para a História e a Geografia nas nações

nessa obra, suas impressões sobre a fauna, a flora, as riquezas e os seus habitantes naturais, Gândavo, ainda preso a uma tradição literária de séculos anteriores, concebia também, às terras recém-descobertas uma realidade geográfica habitada por monstros. Monstros que, segundo ele, seriam encontrados na capitania dos Ilheos:

*Sete lagoas da mesma povoação pela terra dentro está huma lagoa doce que tem tres legoas de comprimento e tres de largo e tem dez, quinze braças de fundo e dali pera cima. Sae della hum Rio pequeno pelo qual vão lá Ter barcos. (...) Tem muita infinidade de peixes grandes e pequenos.(...) Também há muitos tubarões nesta lagoa, e lagartos e muitas cobras. E achão-se nella **outros monstros marinhos** de diversas maneiras (p.31-33).*

Ao falar sobre os bichos da terra, Gândavo também viu, além de temidas cobras com bocas nas extremidades do corpo, espantosas serpentes:

*Outras (cobras) há na terra que lhe chamão hebijaras, **tem duas bocas huma na cabeça outra no rabo**, mordem com ambas: esta cobra he branca e mui curta, o mais do tempo está debaixo da terra, he peçonhentissima sobre todas; quem desta for mordido não terá vida muitas horas, e assi qualquer destas outras que morder alguma pessôa o mais que dura são vinte e quatro horas. (...) Também affirmão alguns homens que **virão serpentes nesta terra com azas mui grandes e espantosas**, mas achão-se raramente (p.60).*

Nessa passagem, pode-se perceber que os seres fabulosos são construídos a partir dos relatos dos índios. Persiste, nesse sentido, uma longa tradição literária muito comum nos relatos de viagens dos séculos XII a XIV, em que ver ou ouvir dizer que alguém viu não faz diferença para que o relato seja aceito com veracidade. Sobre essa questão, o medievalista Suíço Paul Zumthor<sup>12</sup> fez significativas afirmações. Segundo ele, somente nos séculos XVII e XVIII, com o surgimento das novelas e dos relatos de viajantes muito mais preocupados com uma observação direta, é que essa tradição literária entraria em declínio. Entre os séculos XIV e XVI, porém, ainda era comum, nas práticas literárias, os escritores tomarem-na por verdade, sem distinguir as informações que circulavam por meio da

oralidade e o conhecimento observado de forma direta. E afirma:

*Esta lenta mutación estuvo precedida, y sin duda condicionada, por otra, relativa a la forma principal de percepción, es decir, a la naturaleza mental de toda evidencia: desde el siglo XIV al XVI la vista va sustituyendo al oído el la función de fuente de conocimiento. La tradición de la Alta Edad Media tendía a dar prioridad al testimonio del oído sobre el ojo: rasgo de una cultura ligada a las prácticas de oralidad dominantes. Haber oído decir una cosa adquiría de forma natural un valor de autoridad (1994: 295).*

Assim como em Ilhéus, Gândavo descreve também a existência de monstros marinhos e de demônios na Capitania de São Vicente. Trata-se de um monstro que, segundo o autor, “já é conhecido em outras partes do mundo”. É o que pode ser percebido na passagem que se segue:

*Foi causa tam nova desusada aos olhos humanos a semelhança daquele fero **espantoso monstro marinho** que nesta Provincia se matou no anno de 1564, que ainda **que per muitas partes do mundo se tenha noticia delle**, nam deixarei todavia de dar aqui outra vez de novo, relatando por extenso tudo que ácerca disto passou; porque na verdade a maior parte dos relatos ou quasi todos em que querem mostrar a semelhança de seu horrendo aspecto, andam errados, e alem disso, **conta-se** o sucesso de sua morte de diferentes maneiras (p.119-120).*

Além dos monstros marinhos, na Capitania de São Vicente também podiam ser encontrados demônios. Nesse sentido, é possível pensar nas descrições de Gândavo como os monstros encontrados pelos viajantes medievais, cujo exemplo pode ser tomado de Marco Polo que, ao narrar a vida dos povos da Ásia, principalmente dos reinos na Mongólia, do deserto da Pérsia ou das cidades da China, não deixou de registrar, além dos animais e das populações exóticas, a existência de bruxos e de seres demoníacos<sup>13</sup>.

*Na Capitania de Sam Vicente sendo já alta noite a horas em que todos começavam de se entrar no sono, acertou de sair fóra de casa huma Índia escrava do capitão; a qual lançando os olhos a huma varzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma Capitania, vio andar nella este monstro, movendo de huma parte para outra com passos menos desusados, e dando alguns urros de que quando em quando tam feios, que como pasmada e quasi fora de si se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Baltezar Ferreira, e **lhe deu conta do que vira**, parecendo-lhe que era alguma **visão diabólica**; mas como elle fosse*

ultramarinas que vivem nos domínios portugueses ou lhe são vizinhas”, publicada pela Academia Real das Ciências de Lisboa.  
<sup>12</sup> Em *La medida del mundo: Representación del espacio en la Edad Média*, Zumthor analisa, de forma detalhada, toda uma cosmografia medieval ao privilegiar temas como: Espaço Sagrado e Espaço Profano, Espaço Real e Espaço Imaginário, Espaço Rural e Espaço Urbano, e ainda temas atualizados nos estudos historiográficos contemporâneos como utopia e representações, entre outros.

<sup>13</sup> Polo, Marco. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo*.

*nam menos sizudo que esforçado, e esta gente da terra seja digna de pouco crédito, nam lho deu logo muito às suas palavras, e deixando-se estar na cama, a tornou outra vez a mandar fora dizendo-lhe que se afirmasse bem no que era. E obedecendo a Índia a seu mando, foi: e tornou mais espantada, afirmando-lhe e repetindo-lhe huma vez e outra que andava ali huma cousa tam feia, que **nam podia ser se nam o demonio** (p.119).*

Ou em outra passagem em que Gândavo relata também a existência de monstros com feições humanas. Pela passagem abaixo, pode-se notar que o monstro é retratado com uma certa “intimidade”. Nesse aspecto, essa aproximação também pode ser alçada ao universo do imaginário medieval, em que as fronteiras entre o *natural* e o *sobrenatural* sempre foram mal traçadas:

*Então se levantou elle muito depressa e lanôu mão a huma espada que tinha junto de si qual botou somente em camisa pela porta fora, tendo para si (quando muito) que seria algum tigre ou outro animal da terra conhecido com a vista do qual se desenganasse do que a Índia lhe queria persuadir, e pondo os olhos naquela parte que ella lhe assignalou vio confusamente o vulto do **monstro** ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lho impedir, e o **monstro** tambem ser cousa não vista e fora do parecer de todos os outros animaes. E chegando-se hum pouco mais a elle, pera que melhor se podesse ajudar da vista, **foi sentido do mesmo monstro**: o qual em levantando a cabeça, **tanto que vio começou de caminhar para o mar donde viera** (p.120).*

Outro viajante contemporâneo de Gândavo é o arcebispo de Évora, Fernão Cardim (1548-1625). Sua obra compõe-se de relatos e de cartas, em um período que abrange 1583 a 1590. Em *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, o escritor narra suas impressões de viagens sobre a Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente.

Entre as várias observações que esse viajante português fez, vemos também uma preocupação com os homens marinhos e os monstros do mar:

*Estes homens marinhos se chamão na língua Igpupiára; tem-lhe os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morrerão já, e perguntando-les a causa, dizem que tinham visto este **monstro**; **parecem-se com homens de boa estatura, mas tem os olhos muito escovados** (...) O modo que tem em matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, apertando-a consigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a setem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levão alguns comem-lhes somente os olhos, narizes e pontos dos dedos dos pés e*

*mão, e as genitálias, e assi os achão de ordinário pelas praias com estas cousas menos (p.50).*

Gabriel Soares de Sousa escreveu, em 1578, o livro *Tratado Descritivo do Brasil*<sup>14</sup>. Esse *Tratado* só foi concluído pelo autor em Madri, enquanto esperava pela concessão de favores da Coroa para o desbravamento do sertão baiano, onde supunha encontrar pedras e metais preciosos. Sua intenção, ao fazer um levantamento das “grandezas” da colônia, era chamar a atenção para a necessidade de explorá-las. Segundo o autor, essa necessidade deveria ser executada com urgência, pois o local era cobiçado pelos luteranos. É dele também o testemunho de que os homens marinhos que aqui existiam disputavam com os nativos a primazia dos mares brasileiros. É o que se evidencia quando ele fala, assim como retratou Fernão Cardim, dos homens marinhos:

*Não há duvida senão que se encontram na Bahia e nos recôncavos dela **muitos homens marinhos**, a que os índios chamam pela sua língua upupiara, os quais andam pelo rio de água doce pelo tempo do verão, onde fazem muito dano aos índios pescadores e mariscadores que andam em jangada onde os tomam, e aos que andam pela borda da água, metido nela; a uns e outros apanham, e metem-nos debaixo da água, onde os afogam; os quais saem à terra com a mare vazia afogados e mordidos na boca, narizes e na sua natura; e dizem outros índios pescadores que viram tomar êstes mortos que viram sôbre água uma cabeça de homem lançar um braço fora dela e levar o morto; e os que isso viram se recolheram fugindo à terra assombrados, do que ficaram tão atemorizados que não quiseram tornar a pescar daí muitos dias (p.277).*

Nesse sentido, autores como Fernão Cardim e Gabriel Soares, assim como os demais até aqui estudados, foram determinantes para criar e propagar toda uma imagem referente aos seres aqui encontrados; seres – homens, animais e plantas – que se lhes apresentavam como paradigmas dos que figuravam nas antigas tradições literárias do imaginário medieval.

Guillermo Giucci, ao estudar os principais viajantes do Novo Mundo<sup>15</sup>, analisa, entre outros assuntos, o processo de diminuição e de destruição da narrativa fantástica européia durante os primeiros anos das descobertas do novo continente. Segundo ele, o maravilhoso europeu construído na Baixa Idade Média, cujas representações se faziam a partir da geografia das imagens de monstros pavorosos e de

<sup>14</sup> A autoria do *Tratado* só foi definitivamente identificada pelo historiador Varhagen, em 1939, poucos anos depois de sua primeira publicação integral pela Academia Real de Ciências de Lisboa.

<sup>15</sup> Giucci, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso*.

paraísos fantásticos, cederam lugar a um outro tipo de imaginário, principalmente quando este fundo maravilhoso era pensado quase que exclusivamente por meio do econômico. Ainda para esse autor, os relatos das viagens de Cristóvão Colombo, Hans Staden e Cabeza de Vaca rompem com uma tradição européia que considerava o desconhecido um lugar pertencente ao “outro mundo”, povoado por um maravilhoso cristão e por todas as possibilidades que a religião criava para o homem daquele período.

Embora as afirmações de Guilherme Giucci tenham por objetivo destacar as profundas mudanças ocorridas no imaginário do homem europeu ao estabelecer contato com o Novo Mundo, esse rompimento não se deu de forma brusca e radical, principalmente se essas transformações forem pensadas na perspectiva de uma *longue dure*, conceito apresentado por Jacques Le Goff, ou seja,

... uma longa Idade Média que em todos seus aspectos se estruturam num sistema que, no essencial, funciona desde o Baixo Império Romano até à Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX. É uma Idade Média profunda que os recursos aos métodos etnológicos permite abarcar nos seus hábitos quotidianos, nas suas crenças, nos seus comportamentos, nas suas mentalidades (1979:12).

Nesse sentido, esses viajantes, apesar dos avanços científicos que marcaram a sua época, ao vivenciarem as mais diversas experiências em lugares desconhecidos, não estavam livres de julgamentos pré-concebidos, isto é, não conseguiam romper com uma longa tradição das narrativas de viagens do período medieval. Desse modo artistas, escritores e cartógrafos – apesar dos rigores nas suas observações e nos detalhes com que procuravam descrever a sociedade, os animais e a geografia desconhecida – eram potencialmente sérios candidatos a figurarem esse novo e estranho no costumeiro fantástico tão presente na literatura e na iconografia produzida, principalmente, pelo homem europeu da Idade Média. Mesclam-se, portanto, nessas imagens, descrições reais fundamentadas no conhecimento geográfico, racional e científico com as crenças e as fantasias herdadas dos viajantes medievais.

## Referências

- ACOSTA, V. *La humanidad prodigiosa: el imaginário antropológico medieval*. Caracas: Monte Ávila, 1996. t.1.
- CARDIM, F. *Tratados da terra e da gente do Brasil (1583?)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- CHAUNU, P. *Expansão européia do século XIII ao XV*. São Paulo: Pioneira, 1978.
- FRANCO Jr., H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GÂNDAVO, P. de M. *Tratado da Terra do Brasil: história da província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp, 1980.
- GIUCCI, G. *Viajantes do maravilhoso: o novo mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GRUPIONE, L. D. B. (Ed.). *Índios do Brasil*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- KAPPLER, C. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.
- LE GOFF, J. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- LE GOFF, J. *Para um novo conceito de idade média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980.
- LÉRY, J. de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- MELLO E SOUZA, L. de. *O diabo na terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MOLLAT, M. *Los exploradores del siglo XIII al XVI: primeras miradas sobre nuevos mundos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- PATLAGEAN, E. A história do imaginário. In: LE GOFF, J. (Ed.). *A História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 291-316.
- POLO, M. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- RUBIO TOVAR, J. *Libros españoles de viajes medievales*. Madrid: Taurus, 1986.
- SOUZA, G.S. de. *Tratado descritivo do Brasil em 1578*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1971.
- VOVELLE, M. *Imagens e imaginário na história*. São Paulo: Ática, 1997.
- ZUMTHOR, P. *La medida do mundo: representación del espacio en la edad media*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.

Received on December 11, 2000.

Accepted on January 23, 2001.